

Modos de explicar o *bullying*: análise dimensional das concepções de adolescentes

Ways to explain bullying:
dimensional analysis of the conceptions held by adolescents

Wanderlei Abadio de Oliveira ¹
Jorge Luiz da Silva ¹
Iara Falleiros Braga ²
Claudio Romualdo ¹
Simona Carla Silvia Caravita ³
Marta Angélica Iossi Silva ¹

Abstract *This study unveils the meaning attributed by students to bullying and contributes to the approach of student health. The objective was to identify the dimensions of the conceptions of students regarding bullying. A total of 55 students from 11 public schools participated by answering semi-structured interviews. Dimensional analysis was used to treat data and a matrix was constructed with the dimensions identified. The Grounded Theory was adopted as the methodological and theoretical framework. The adolescents were aware of the main dimensions of bullying but explained it descriptively and from individual perspectives. The following dimensions were identified: type, nature, examples, motivation and consequences. The type of violence was a dimension with greater explanatory power in relation to the remaining dimensions. Verbal violence and its different manifestations stood out. Aspects of the literature that define bullying were identified, indicating how the topic is diffused, its occurrence and how it is understood by students. The innovative nature of this study is its focus on the identification of the dimensions of bullying present in the narrative of Brazilian students. It is an approach that contributes to the organization of healthcare programs and interventions in different fields.*

Key words *School health, Violence, Bullying, Adolescent health, Qualitative research*

Resumo *Este estudo apreendeu o significado do bullying para estudantes e contribuiu com a abordagem da saúde do escolar. Objetivou-se conhecer as dimensões de concepções de estudantes sobre o bullying. Participaram 55 adolescentes de 11 escolas públicas, por meio de entrevistas semiestruturadas. A análise dimensional foi utilizada no tratamento dos dados e se construiu uma matriz com as dimensões identificadas. A Teoria Fundamentada nos Dados foi adotada como referencial metodológico e teórico. Os adolescentes conhecem as principais dimensões do bullying, mas o explicam de forma descritiva e numa perspectiva individual. As dimensões identificadas foram: tipo, natureza, exemplos, motivação e consequências. O tipo de violência foi a dimensão com maior poder explicativo em relação às demais, sobressaindo-se o tipo verbal e suas diferentes formas de manifestação. Aspectos da literatura que definem o bullying foram identificados no conjunto, indicando a difusão do tema, sua ocorrência e apreensão pelos estudantes. O caráter inovador do estudo se centra na identificação das dimensões presentes nas narrativas dos estudantes brasileiros sobre o bullying, abordagem que contribui com a organização dos programas de cuidado e intervenção em diferentes áreas.*

Palavras-chave *Saúde escolar, Violência, Bullying, Saúde do adolescente, Pesquisa qualitativa*

¹ Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Av. Bandeirantes 3900, Monte Alegre. 14040-902 Ribeirão Preto SP Brasil. wanderleio@usp.br

² Curso de Terapia Ocupacional, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa PB Brasil.

³ Facoltà di Psicologia, Università Cattolica del Sacro Cuore. Milano LO Itália.

Introdução

O *bullying* é entendido como um problema nas relações entre pares, caracterizado pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade e pela repetitividade dos atos de agressão¹. Ele também pode ser examinado em relação ao tipo de ocorrência, física, verbal ou psicológica, assim como em relação à natureza de suas manifestações, relativa aos comportamentos, ações e métodos adotados nas agressões, como bater ou usar apelidos pejorativos, por exemplo^{2,3}. Conceitualmente, ele é definido na maioria dos estudos sobre o tema a partir da perspectiva dos adultos ou dos pesquisadores.

No Brasil, esse fenômeno é uma realidade para muitos estudantes. A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) realizada, em 2012, com uma amostra nacional de 109.104 estudantes, evidenciou que 20,8% dos participantes praticavam algum tipo de *bullying* e as vítimas somavam 7,2%⁴. Em comparação com os dados da primeira versão do estudo, desenvolvida em 2009, os autores indicaram que, numa série histórica, houve um aumento dos relatos de *bullying* entre os estudantes brasileiros nos últimos anos. Em 2009, o percentual de estudantes que referiram ter sofrido *bullying* era de 5,4%^{4,5}.

Todos os envolvidos nos episódios de *bullying*, sejam enquanto vítimas, vítimas agressoras (estudantes que sofrem, mas também praticam *bullying*), agressores ou testemunhas, sofrem as consequências psicológicas e sociais relacionadas ao fenômeno e que se mantêm ao longo do desenvolvimento humano^{2,3}. Pesquisas demonstraram que as crianças e adolescentes em idade escolar que sofrem ou testemunham situações de *bullying* são mais propensos a desenvolverem quadros de sofrimentos e problemas psicossociais^{3,6}. Os agressores, por seu turno, podem se envolver em situações de violência ou experiências de atos infracionais^{6,7}. Esses dados, a alta prevalência do fenômeno em diferentes culturas e suas características demonstram que o *bullying* é um problema de interesse à saúde pública⁸⁻¹⁰.

Esse tipo de violência na escola é resultado de diferentes determinantes sociais. Estudos, consistentemente, indicam fatores que podem estar relacionados ao *bullying* e o explicam. As interações e o clima familiar^{11,12}, questões de engajamento moral^{13,14}, condições socioeconômicas¹⁵, comportamentos de risco à saúde¹², e as características das relações de grupo¹⁶ são alguns dos aspectos associados ao fenômeno.

A literatura evidencia, ainda, que o *bullying* é uma experiência multidimensional, complexa e

dinâmica, cujas dimensões são de difícil apreensão^{2,17}. Neste sentido, os programas de prevenção e intervenção devem considerar o valor simbólico e conceitual que ele possui para os estudantes^{3,18,19}. Esse nível de abordagem exige a operacionalização de estudos qualitativos que ofereçam opções diversificadas para identificar variáveis significativas para o fenômeno, tais como as motivações, as causas, as situações implícitas como exclusão social, preconceito e medo, bem como aspectos específicos das relações de grupo dos estudantes, o que é menos visível em investigações de grande escala. Além disso, uma contribuição adicional e contextual de estudos nessa perspectiva é a descoberta de especificidades das formas e conceituações de *bullying* no Brasil, a partir da compreensão dos próprios estudantes, e não apenas a partir das definições e pressupostos da literatura.

Um estudo qualitativo, por exemplo, com foco nas representações sociais da violência escolar elaboradas por adolescentes, revelou as manifestações características do fenômeno e seus impactos psicossociais para os envolvidos¹⁷. Para os participantes deste estudo, o *bullying* foi definido como fenômeno multifacetado e expressão na realidade escolar de diferentes tipos de violência¹⁷. Outra pesquisa, com desenho qualitativo e a participação de adolescentes, revelou que o *bullying* é, primeiramente, um fenômeno discursivamente organizado e relacionado a diferentes contextos sociais, incluindo o familiar²⁰.

Esse tipo de abordagem amplia o olhar sobre o fenômeno, entretanto, o foco da maioria dos estudos privilegia outras facetas do fenômeno, como prevalência²¹ e fatores relacionados à ocorrência²², ou a partir da perspectiva de outros protagonistas do contexto escolar^{6,8}. Ainda sendo atribuída pouca atenção aos elementos narrativos de estudantes sobre o *bullying*^{3,20}.

Assim, a análise dimensional proposta permite a construção ou a reconstrução de saberes pertencentes a um fenômeno social, com o propósito de explicar e compreendê-lo a partir do problema concreto e seus protagonistas. Trata-se de um modo de entender processos e projetar como intervir considerando suas diferentes dimensões²³. Uma dimensão é um conceito descritivo e decomposto do objeto em análise, mas que interage com outras dimensões, revelando o contexto e os elementos mais fortes utilizados para explicar determinado fenômeno por um grupo²⁴. Para tanto, este trabalho adotará como referencial metodológico e teórico a Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*) com base numa posição construtivista^{3,23,24}. Essa po-

sição construtivista pressupõe a preservação da complexidade social dos fenômenos analisados durante o processo de pesquisa, encorajando o desenvolvimento de novas compreensões e interpretações teóricas^{3,23,24}.

Nesse sentido, esse estudo favorece a identificação de fatores que compõem ou justificam o *bullying* entre os estudantes, sendo um importante ponto de partida para as ações de cuidado em diferentes áreas como a educação e a saúde. Objetivou-se conhecer as dimensões conceituais de *bullying* para estudantes de uma cidade brasileira, oferecendo uma representação interpretativa do fenômeno estudado.

Método

Participantes

Este estudo apresenta elementos qualitativos de uma pesquisa com delineamento misto. Assim sendo, todos os estudantes de 11 escolas (N = 2.354), do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, presentes nas datas de coleta de dados, em 2014, responderam a escalas sobre envolvimento em situações de *bullying* (Escala de Vitimização e Agressão entre Pares – EVAP)²⁵ e sobre qualidade de interações familiares (Escala de Qualidade na Interação Familiar – EQIF)²⁶. A EVAP compreende 18 enunciados descrevendo comportamentos agressivos específicos que podem ocorrer na escola e permite identificar agressores e vítimas de *bullying*²⁵. A EQIF, por seu turno, composta por 40 questões, permite acessar nove dimensões da interação familiar (envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva, comunicação negativa, clima conjugal positivo, clima conjugal negativo, modelo parental, punição corporal e sentimentos dos filhos) por meio do relato dos filhos²⁶. Do grupo total (N) de respondentes dessas escalas, foram sorteados aleatoriamente os estudantes para comporem a etapa qualitativa da pesquisa (n = 55), a partir da qual decorre esta análise. Todos os estudantes sorteados aceitaram participar do estudo.

Nessa etapa, a seleção dos participantes foi orientada pela estratégia de amostragem por variação máxima²³, que permite a documentação do maior número possível de experiências, informações e das dimensões e propriedades do fenômeno e contexto investigados. Tal estratégia permitiu a definição do número total de participantes para se garantir um número representativo em relação ao grupo (N). Nesse sentido, foram sorteados, aleatoriamente, 55 estudantes

(54,5% meninos, idade média M = 15 anos, DP = 2 anos – desvio padrão) de 11 escolas públicas e urbanas de um município de porte médio do interior do estado de Minas Gerais. A seleção dos estudantes atendeu, ainda, aos seguintes critérios de inclusão: estar matriculado em uma das escolas elegidas, ser frequente às aulas, responder previamente as outras duas escalas do estudo e estar presente em aula no dia da coleta de dados. Para resguardar a identidade dos participantes, doravante eles serão designados por um código composto pela letra A seguida do número atribuído a cada adolescente, e pela letra E seguida por um número correspondente a escola de origem (Adolescente 1, Escola 1 = A1E1; Adolescente 2, Escola 1 = A2E1, e assim sucessivamente).

Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em 2014, por meio de entrevistas semiestruturadas individuais e orientadas por um roteiro. São exemplos de perguntas: Para você o que é *bullying*? Você já foi ameaçado, humilhado, excluído ou agredido na escola? O que fizeram com você? Você alguma vez ameaçou, maltratou, humilhou, excluiu ou agrediu outro colega na escola? O que você fez? Você já presenciou alguns dos seus colegas ser ameaçado, maltratado, humilhado, excluído ou agredido na escola? O que você fez? Também, foram utilizadas perguntas de acompanhamento (Como assim? Você poderia me dizer mais sobre isso? O que você quer dizer? Você poderia me dar exemplos?) para clarificar ou ilustrar e adicionar profundidade às respostas. O tempo médio de cada entrevista foi de 12 minutos, com variação entre 6 e 26 minutos. Todas as entrevistas foram realizadas nas escolas dos estudantes, em salas reservadas, sem a presença de professores ou outros estudantes. Elas, também, foram gravadas e transcritas na íntegra.

Análise dos dados

A análise dos dados foi realizada de acordo com o método de análise dimensional, que engloba três etapas principais: dimensionamento, diferenciação e integração de elementos^{3,24}. O primeiro passo desse método consiste na codificação por meio da seleção de palavras, frases ou histórias que indiquem dimensões salientes aos textos transcritos e seus principais temas. Esse dimensionamento permitiu a criação de resumos que descrevem como o fenômeno social é significado pelos participantes. As questões analíticas que orientaram esse momento do estudo

foram: Quais as informações presentes nos dados? Como os participantes explicam o *bullying*? O que os dados sugerem? Em seguida, conceitos gerais e divergentes nas narrativas foram explorados e comparados e, por fim, foram integrados aspectos da literatura para interpretar e indicar as dimensões com maior poder explicativo para o grupo em estudo ou suas perspectivas alternativas^{3,24}. Deste quadro emergiu uma matriz com as dimensões identificadas.

Questões éticas

Em todas as fases do estudo as questões éticas foram observadas, bem como as orientações da Resolução 466/2012²⁷. O projeto de pesquisa, também, foi previamente submetido e aprovado por um comitê de ética em pesquisa.

Resultados

A maior parte dos participantes do estudo relataram envolvimento em situações de *bullying* apenas como testemunhas ou observadoras (44%, n = 24). As vítimas somaram 29% (n = 16) do grupo de participantes e as vítimas agressoras 5% (n = 3). Somente 9% dos participantes se declaram agressores (n = 5), sendo três meninos e duas meninas. Vítimas (n = 10), vítimas agressoras (n = 4) e agressores (n = 4), também, referiram ter presenciado algum episódio de *bullying* na escola. Noutra direção, destaca-se que 13% dos estudantes (n = 7) não relataram nenhum tipo de envolvimento em situações de *bullying*. As experiências dos participantes desempenhando esses papéis são exemplificadas no Quadro 1, por meio de fragmentos das entrevistas.

Nos casos de testemunho de *bullying*, muitos dos estudantes relataram não intervir na situação para que eles também não fossem agredidos, por não visualizarem possibilidades de resolução da questão, por estarem sozinhos, por não conhecerem as vítimas ou porque essa possuía características que, na opinião deles, justificavam as agressões. Os estudantes que adotaram algum comportamento de defesa das vítimas interferiram por se colocar no lugar do outro, por julgarem incorreto o uso da violência, por serem colegas das vítimas ou porque tinham casos na família de pessoas que sofreram preconceito ou discriminação.

Nas narrativas dos adolescentes se identificam violências sofridas de diferentes tipos, mas se sobrepõem as agressões verbais, prevalecendo

os apelidos pejorativos e ofensas sobre as características da vítima. A violência do tipo psicológica se manifesta nas situações de exclusão do grupo de pares, nas ameaças de agressão e na instituição do medo como forte elemento das relações sociais. Não foram referidas situações de roubo de pertences dos colegas ou agressões sexuais.

Na perspectiva dos agressores a violência do tipo física e o caráter intencional das agressões foram mais explícitos. Além disso, explicitam-se aspectos como a satisfação em causar dor e sofrimento à vítima, sem que haja uma justificativa ou motivação aparente, e também, foram, identificados aspectos relacionados ao desequilíbrio de poder entre as partes numa situação de *bullying*.

A análise das dimensões relacionadas ao *bullying* nas narrativas dos adolescentes revelou que o tipo da violência é a perspectiva central para definir e explicar o fenômeno em relação às demais dimensões identificadas (Figura 1). Todas as demais dimensões verificadas foram configuradas na matriz em posições de natureza (como nomeiam o *bullying* – oferecendo como resposta um comportamento, uma ação ou um método adotado nas agressões), exemplos, motivação e consequências.

Como se observou, tipo da violência foi a dimensão com maior poder explicativo para o *bullying* entre os participantes, sobressaindo-se a violência do tipo verbal, seguida pelas violências psicológica e física. A natureza ou a expressão das agressões, direta ou indireta, bem como os exemplos utilizados pelos adolescentes, constituíram-se como as dimensões mais salientes e próximas em relação à perspectiva central. No Quadro 2 são apresentados exemplos de fragmentos das entrevistas relacionados às dimensões conceituais identificadas.

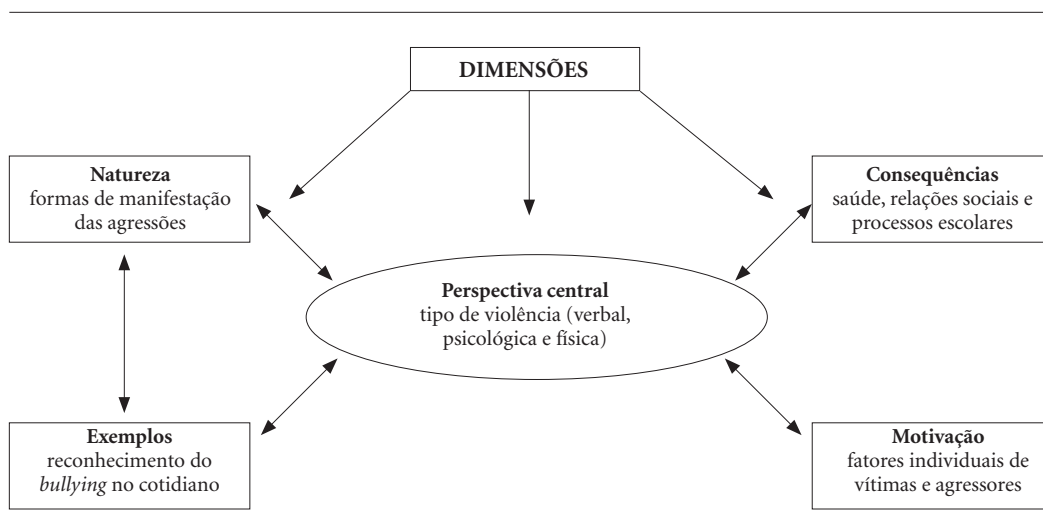
O *bullying* é definido, principalmente, como agressão verbal. Nas narrativas, os xingamentos, a imposição de apelidos pejorativos e abusos verbais são as concepções mais fortes adotadas para explicar o fenômeno. Essa é uma manifestação direta do *bullying* no cotidiano escolar, mas também se identificam formas indiretas como a exclusão e a opressão. Salienta-se que episódios de agressão física foram pouco referidos, resumidas ao ato de “bater”, por exemplo. Nesse quadro, há ainda destaque para uma ampliação do conceito, quando os adolescentes se referem explicitamente às situações de preconceito e discriminação.

Na dimensão relacionada às motivações para as práticas de *bullying* foram encontradas diferentes justificativas, atribuídas pelos estudantes independentemente do papel desempenhado.

Quadro 1. Fragmentos das entrevistas segundo tipo de envolvimento em situações de *bullying*. Ribeirão Preto, 2015.

Tipo de envolvimento	Exemplos no estudo
Testemunhas	<p><i>Eles xingaram uma menina, ficavam xingando. Tinha um moleque que chegou a agredir ela. Peguei e entrei na frente... [Porque] Eu não acho certo, não acho certo bater, muito menos em uma mulher. Não importa qual (A3E1).</i></p> <p><i>Um menino, não sei o que que era.... Se ele não se vestia bem, não sei se o pessoal não gostava dele, pelo jeito dele ser eu acho, e bateram nele (A29E7).</i></p> <p><i>Eu não fiz nada porque eu não tinha muito acesso àquela pessoa. E a pessoa também, assim, era meio excluída. Se fossem amigos meus que estivessem a excluindo eu falaria para eles não excluírem essa pessoa (A49E11).</i></p>
Vítimas	<p><i>[A escola] é um pouco chato, porque a maioria das vezes tem um monte de gente que fica xingando, me xingando, me zoando, mas eu nem ligo. [Falando] Do meu cabelo. Eles ficam me xingando na sala (A6E2).</i></p> <p><i>Eu era gordo e eles faziam muita piada comigo: “é gordo, não sei o quê...”. [...] Teve uma festa junina, aí eu fiquei sem parceira e o professor me levou de sala em sala para arrumar uma [...] Acabou que eu nem dancei (A42E10).</i></p> <p><i>Porque eu tinha medo de ninguém gostar de mim (A23E6).</i></p>
Vítimas agressoras	<p><i>Assim, eu já bati em um menino. Por causa que, ele que tinha começado [...] Ele começou a me bater, não lembro por qual motivo, aí eu descontei, em vez de ir na secretaria [...] Provocou e eu não gostei, fiquei com raiva e acabei me estressando (A8E3).</i></p>
Agressores	<p><i>Por implicância [...]. No caso da A. [outra aluna], foi a toa mesmo, nós que implicamos com ela. Aí ela só revidou e a gente bateu nela. [...] Não sei porque, mas foi bom e ruim. Porque foi bom ver ela chorando, porque ela implicou, mas foi ruim, por ver ela chorando dá dó (A4E2).</i></p> <p><i>Agredir, não, nunca briguei na escola [...] Mas, assim, brincar, de humilhar já. [...] Tipo assim, o cidadão não penteia o cabelo, aí você fica falando aquele ‘trem’ repetidamente, o dia inteiro, até ele ficar doido da cabeça. [...] Aí a pessoa, não sei, tipo você entra na mente dela, e ela fica doida, chora... Já fiz isso, a pessoa chorar. Na época eu achava graça, todo mundo ria (A9E3).</i></p>

Fonte: Entrevistas com adolescentes.

**Figura 1.** Matriz das dimensões de concepções de *bullying* entre estudantes. Ribeirão Preto, 2015.

Fonte: Análise das entrevistas com adolescentes.

Quadro 2. Fragmentos das entrevistas que exemplificam as dimensões conceituais identificadas no estudo. Ribeirão Preto, 2015.

Dimensão	Exemplos no estudo
Tipo de violência	<p>É você ficar xingando outras pessoas, botando defeitos, bater (A6E2).</p> <p>É a pessoa que é rejeitada dos amigos. Rebaixada pros outros colegas subirem mais um pouco (A1E1).</p> <p>É uma coisa que a pessoa nunca mexeu com ninguém [...], vem outra pessoa e começa a ofender ela, de forma horrível, com apelidos pejorativos [...]. É repetitiva. Acontece todo dia (A13E5).</p> <p>É desrespeitar uma pessoa pelo simples fato dela ser diferente de você e dos outros. Por que tem um estilo diferente, ela pensa diferente, vou isolar. Desfazer da pessoa por ela não ser igual (A46E10).</p> <p>Quando a gente começa a reprimir, oprimir, alguém que tem o direito de se expressar na sociedade. Isolar. Oprimir [...] (A52E11).</p>
Natureza	<p>Bullying é você falar alguma coisa racista para o cara. Xingar, pôr apelido que o outro não gosta [...]. Agredir é bullying (A8E3).</p>
Exemplos	<p>Igual, o pessoal me chama de Zacarias, não vou mentir, eu não gosto. Mesmo falando que é brincadeira. Em geral, é ir lá xingar uma pessoa, maltratar ela e ela mostrar que não gosta e você continuar (A7E3).</p> <p>Eu lembro que uma vez eu fui na colônia de férias do complexo [escola], e lá só tinha menina magra, essas coisas. [...] Elas queriam me bater porque elas queriam roubar o celular da professora e eu falei que eu não ia, aí elas falaram assim: 'ah você, é covarde, gordinha' [...] (A32E9).</p>
Motivação	<p>É tipo aquele negócio que você não gosta da pessoa e tem inveja dela [...]. Aí você começa a xingar, zoar [...], quem pratica o bullying tem que estar sempre por cima (A9E3).</p> <p>Se a pessoa for acima do peso, você não pode ficar criticando ela (A14E5).</p> <p>Quando a pessoa não gosta da pessoa que é negra, as pessoas não aceitam quando a mulher gosta de mulher, homem de homem (A27E7).</p> <p>Alunos que se sentem superior aos outros se juntam para maltratar alguém que eles acham inferiores (A30E7).</p> <p>Uma ofensa, um desrespeito. Uma raiva que a pessoa está e desconta na outra pessoa. Essa pessoa que faz o bullying o que passa na casa dela, na vida dela? (A45E10).</p> <p>Uma pessoa que se sente bem maltratando a outra, machucando, fazer ela sofrer mesmo [...] (A51E11).</p>
Consequências	<p>[Bullying é] Só tristeza. [...] É muito triste você sofrer bullying e daqui um tempo você encontrar a pessoa e não ser amigo dela (A55E11).</p> <p>São ofensas para o colega ou amigo que geram depressão, pode vir até o suicídio (A3E1).</p> <p>Bullying é uma coisa muito ruim. O colega pode ficar triste, se sentir magoado, entrar até em depressão (A26E6).</p> <p>Há uma vontade de se automutilar que a pessoa vai tendo (A13E5).</p> <p>Eu não voltei mais lá [atividade da escola]. [...] Porque eu tinha medo que elas me batessem ou me obrigassem a fazer outras coisas [...] (A32E9).</p> <p>Acho que a pessoa que faz o bullying também precisa de ajuda (A45E10).</p>

Fonte: Entrevistas com adolescentes.

Sumariamente, a inveja, a intolerância à diversidade, questões subjetivas dos agressores, características das vítimas que as diferem do grupo de pares, bem como o desejo de causar sofrimento à vítima, são explicações de possíveis motivações para os atos de *bullying*. As ações e a maneira

como as interações ocorrem parecem impulsionadas por essas condições específicas.

Como resultado desse processo e suas dimensões, as consequências do *bullying* para os envolvidos é uma abordagem que pode, também, orientar ações e programas de intervenção. Nes-

se sentido, observa-se que para os estudantes as consequências e os impactos do *bullying* são bem definidos e se relacionam a sentimentos de impotência, insatisfação, medo e baixa autoestima.

Discussão

Um objetivo deste estudo foi conhecer as narrativas de adolescentes sobre experiências e situações de *bullying*, para se acessar as dimensões conceituais desse fenômeno social a partir dos próprios estudantes. Tal perspectiva favoreceu o surgimento de respostas subjetivas e espontâneas sobre a complexidade que envolve o *bullying* na perspectiva dos estudantes e que podem auxiliar pesquisadores e educadores a ampliar sua conceituação. Primeiramente, foram caracterizados os estudantes com envolvimento em episódios do fenômeno e aqueles que não relataram nenhum tipo de participação. Neste tópico, destaca-se a expressividade do número de estudantes que já haviam testemunhado alguma situação de *bullying* e a prevalência de agressões verbais na definição do fenômeno. Posteriormente, a análise dimensional foi utilizada para identificar as dimensões e os significados do *bullying* nas narrativas dos estudantes. A dimensão que tipifica a violência foi a mais utilizada para explicar o fenômeno.

Uma primeira constatação do estudo explica que o *bullying* é um fenômeno que engloba outros atores além da tríade agressor/vítima¹⁶. As testemunhas são importantes personagens dos episódios de violência, pois podem assumir comportamentos de defesa das vítimas, cumplicidade ou reforço aos comportamentos dos agressores^{16,28}. Estudantes com este tipo de envolvimento em situações de *bullying* tendem a agir em defesa da vítima a partir de experiências pessoais anteriores como vítimas, por solidariedade ou observação às normas de convivência. Contudo, o grupo de pares exerce forte influência neste segmento, sendo determinante para as ações de defesa ou apatia diante das situações de violência^{16,28}.

No caso das vítimas, observa-se uma prevalência de relatos de violência verbal. Isso pode ser explicado pelo momento do desenvolvimento dos participantes, pois na adolescência as agressões tendem a ser mais veladas ou de difícil identificação^{2,14}. Neste caso, a violência verbal, que também é uma manifestação direta, é confundida com brincadeiras próprias da idade^{6,29}. Entretanto, como os participantes referem, a gravidade desse tipo de *bullying* é tão intensa quanto as situações

de agressão física, causando também prejuízos à vítima, como sinalizam outros estudos^{3,21}.

Diferentemente, em relação aos agressores, a violência física é ressaltada, sugerindo que as formas verbais de violência não são identificadas como *bullying*³⁰. Nesse grupo também foram explicitados conteúdos que a literatura apresenta como essenciais para se conceituar o *bullying*, relativos à intencionalidade das ações e o desequilíbrio simbólico de poder entre os pares¹. Essas compreensões são consistentes com a visão de *bullying*, vinculadas a razões relativas às posições de domínio exercida pelos agressores nos grupos de pares. A noção de intencionalidade, manifesta ou latente, refere-se ao desejo consciente do agressor de praticar um comportamento reconhecido como moral e socialmente errado.

A repetitividade das ações, outro aspecto da literatura usado para definir e caracterizar o *bullying*, no entanto, apareceu explicitamente em apenas um relato. Entrementes, uma exposição recente sobre o desenvolvimento de pesquisas e abordagem sobre o fenômeno esclareceu que o critério de repetição pode não ser absolutamente necessário para caracterizá-lo¹. Além disso, vale destacar que a perspectiva qualitativa adotada é caracterizada por buscar compreender o que os estudantes compreendem e como explicam o *bullying*, no caso desse artigo. Trata-se de uma abordagem que nos traz o “olhar” dos participantes relativamente a essa forma de violência e não a busca por confirmação ou refutação da literatura, via de regra. Nesse sentido, para um estudante uma única experiência de violência pode ser tão ou mais marcante que episódios que se repetem, fato que ele pode qualificar como *bullying* e atualmente considerado como válido pela literatura especializada¹. Salienta-se, contudo, que mesmo considerando essas questões, as perguntas de acompanhamento desenvolvidas nas entrevistas permitiram excluir situações pontuais de violência ou de outro tipo que não se caracterizavam como *bullying*. Esse controle permitiu que apenas situações de *bullying* fossem dimensionadas no estudo.

No conjunto, os resultados revelaram convergências na maneira como o *bullying* é explicado pelos estudantes e pela literatura, contemplando os critérios propostos para caracterizá-lo¹. Além disso, no que se refere à dimensão conceptual com maior poder explicativo para o *bullying*, entre os participantes, percebe-se que ela se refere à difusão mais corrente do conceito do fenômeno: o *bullying* é um tipo de violência. Do ponto de vista social, é um tipo relacionado aos processos

de tomada de decisão dos agressores e das características da vítima, exclusivamente^{1,6}. Os múltiplos fatores e seus diferentes níveis de manifestação são mensurados a partir dessa definição amplamente difundida^{1,16,19}.

Contudo, essa dimensão de concepção, por si só, não reflete a complexidade do *bullying*. Por exemplo, a compreensão do fenômeno pode ficar circunscrita a ela, ignorando outras questões inerentes ao fenômeno, como suas causas e consequências. Além disso, essa tipificação dos episódios de violência está mais associada a aspectos individuais que, muitas vezes, rejeitam variáveis contextuais^{2,6}. Nessa perspectiva, a construção de uma cultura de não violência está associada a uma compreensão ampla do fenômeno. Estudos anteriores sugeriram que o nível da percepção, dos conhecimentos e das crenças sobre *bullying* de estudantes, professores e comunidade escolar afetam significativamente nas taxas de prevalência do fenômeno^{3,8,18,19}.

Na mesma direção, as dimensões com maior relação com a perspectiva central, relacionada às manifestações do fenômeno e exemplificações, refletem a experiência real do cotidiano ou hipotetizada como o melhor recurso para explicar como os adolescentes interpretam o *bullying*. Essa dimensão da natureza direta ou indireta das agressões indica, explicitamente, como se pode reconhecer uma situação de *bullying*, entretanto, tende a refletir uma confusão comum entre a brincadeira e a violência. Por outro lado, o pouco referimento às agressões físicas indica que este tipo de comportamento, em geral, não é diretamente relacionado ao *bullying*^{17,30}. Resultados que revelam o processo de naturalização da violência nas escolas, considerada como forma de brincadeira, e a importância da conscientização dos estudantes e de toda comunidade escolar sobre a problemática³¹.

Ao mesmo tempo, dependendo de sua natureza, os atos de violência podem indicar que haverá algum tipo de intervenção. Por exemplo, como há um grande indicativo de expressões verbais da violência, se recorre aos aconselhamentos e a busca por ajuda profissional para responder às situações ou ajudar as vítimas^{6,28}.

No conjunto dos dados, também, observa-se uma tendência de expansão da concepção de *bullying*, na medida em que são traduzidas preocupações dos adolescentes com a tolerância à desigualdade e contra formas diferentes de discriminação. Essa positividade reside na incorporação de aspectos amplos, como reconhecimento dos direitos humanos e favorecimento da di-

versidade como temas relacionados à violência. Especificamente, tramas macroestruturais presentes nas diferentes formas de manifestação da violência na sociedade e que são responsáveis por altos índices de morbimortalidades e interferem na qualidade de vida de crianças e adolescentes, no caso da violência vivenciada na escola⁹.

Sobre as motivações relacionadas ao *bullying*, os participantes indicaram que os agressores apresentam razões pessoais para agir de forma agressiva ou agem em função das características das vítimas, consideradas negativas. Essa abordagem indica o uso emocional da força como recurso interacional entre pares^{3,32}. O *bullying* tem sido identificado, também, como uma questão de moralidade, na medida em que envolve a intenção de causar dano ao outro e justificativas para as agressões a partir das características das vítimas, por exemplo¹³. Essas justificativas indicam componentes de passividade da vítima, enquanto culpada pelas agressões por suas características, e não de forma ativa, quando é vitimizada por ser desagradável, antipática ou má com os colegas¹³.

É importante notar que, sobremaneira, os participantes identificaram fatores individuais como razões para a vitimização, como características físicas ou sexuais diferentes ou desviantes dos padrões sociais. Ser feio, gordo, vestir roupas estranhas, ter origem étnica ou orientação sexual diferente dos padrões hegemônicos, foram alguns dos fatores mencionados. O que esses fatores parecem ter em comum é que eles são processos psicossociais e são pouco abordados nos programas de intervenções^{3,26,31}. Nesse sentido, ao oferecerem uma abordagem ampliada do conceito de *bullying*, com aspectos de valorização dos direitos humanos e da tolerância às diferenças, pode-se pensar em ações voltadas para o desenvolvimento de comportamentos assertivos ou habilidades sociais necessárias para fazer amigos, aceitar e ser aceito pelo grupo de pares, por exemplo^{3,9,19}.

Na abordagem do impacto do *bullying* na realidade, pesquisas^{3,6,7,14} indicam que o *bullying* é um problema para toda comunidade escolar. Agressores podem ser reiteradas vezes rejeitados pelo grupo de pares e estão em maior risco para problemas de conduta na adolescência e desajustamento na idade adulta. As vítimas, por sua vez, como demonstrado nesse estudo, podem sofrer de problemas de relacionamentos e de internalização relacionados à ansiedade, depressão e baixa autoestima. Da mesma forma, os problemas no processo ensino-aprendizagem, fracasso e abandono escolar, são outras consequências que resultam dos processos das relações violentas entre pares.

Nessa direção, as narrativas dos adolescentes fornecem alguns *insights* importantes sobre as questões que devem ser consideradas no planejamento de programas de intervenção e enfrentamento do *bullying*. Sua multidimensionalidade e complexidade explicitam a importância de estratégias intersectoriais capazes de melhorar habilidades individuais de interação social, adoção de hábitos de vida saudáveis, bem como dos meios de resolução de conflitos, mas também a abordagem de conteúdos relativos aos direitos humanos e do combate ao preconceito.

Na sala de aula podem ser incluídas estratégias de bom convívio social e estímulo às amizades, à solidariedade, à inclusão e aceitação social, além da oferta de esclarecimentos sobre as diferentes formas que o fenômeno pode assumir no cotidiano, enquanto verbal ou indireto, por exemplo. Abrindo canais para que o tema seja considerado e situações de violência sejam relatadas aos adultos⁶. Noutra direção, enquanto problemática social, a resolução da questão requer uma abordagem dos valores e questões morais difundidos socialmente, e em confronto com a cultura de violência pensar na criação de climas positivos nas escolas e no combate aos atos e comportamentos violentos^{3,13}. Em termos práticos, as escolas devem estabelecer regras contra o bullying, capacitar os funcionários para reconhecer e lidar com o problema nos recreios e tempos livres, bem como oferecer atividades lúdicas (jogos, brincadeiras estruturadas, técnicas de dramatização etc.) para esses momentos, além de mediar os conflitos entre os estudantes.

Na área da saúde escolar, pode-se pensar ações concentradas na promoção e educação em saúde com temas transversais (violência, resolução de conflitos e tolerância à diversidade, por exemplo)^{8,19}. Além disso, no Brasil, a “Linha de Cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência” do Ministério da Saúde orienta a atuação das equipes de saúde da atenção primária nas escolas. Esse trabalho deve ser voltado para a identificação da problemática e de comportamentos de risco e sintomas (hematomas, machucados e arranhões sem motivo ou explicação convincente, tristeza constante, perda de apetite, irritabilidade, dores de cabeça, barriga e o aparecimento constante de aftas, entre outros), aconselhamento de famílias, e contribuindo com a implantação de programas de intervenção e prevenção ao *bullying*¹⁰. Nessa direção, as equipes de saúde podem, por exemplo, proporem ações informativas nas escolas para explicar o que é

bullying e suas consequências, além de poderem auxiliar na inclusão das famílias no reconhecimento e enfrentamento da questão por meio das visitas domiciliares.

Por fim, verificou-se um pequeno número de estudantes sem nenhum tipo de envolvimento com as situações de *bullying*. Esse dado possui duas gravidades. Primeiro, indica que a violência tem se naturalizado e sido incorporada ao cotidiano dos estudantes. Ela é entendida como uma estratégia justificável e eficaz para a resolução de conflitos e o enfrentamento de situações problema. Por conseguinte, o reconhecimento do *bullying* como negativo pela maioria dos estudantes não tem contribuído para a diminuição dos episódios de violência na escola. Há um amadurecimento e uma maior difusão sobre o fenômeno, mas isso não tem sido suficiente para eliminar ou reduzir suas manifestações.

Considerações finais

Com posição construtivista, esse estudo demonstrou que os adolescentes conhecem as principais dimensões conceituais do *bullying*, mas o explicam sobremaneira de forma descritiva e a partir das questões individuais. Para eles o *bullying* pode ser explicado, principalmente, pelo tipo de violência praticado, assim como pelas suas formas de manifestação no cotidiano. Destaca-se que as vítimas se referiram mais a violência verbal, e os agressores ressaltaram a violência em suas narrativas. Os participantes também não subestimam as motivações para a prática do *bullying* e suas consequências para a saúde, o desenvolvimento e o processo ensino-aprendizagem de todos os envolvidos. A contribuição original do estudo é a construção de uma representação interpretativa, compreensiva e explicativa do fenômeno investigado, a partir da perspectiva dos estudantes. É essencial discutir suas experiências, como definem e o que dizem os estudantes sobre o bullying na organização do cuidado e dos programas de intervenção eficazes, ampliando as lógicas técnicas da literatura ou dos adultos.

Entretanto, os dados apresentados devem ser examinados considerando as três principais limitações do estudo. Primeiramente, trata-se de um estudo transversal, o que impede inferências sobre nexos causais relacionados ao *bullying* e às dimensões analisadas. Em segundo lugar, embora dados qualitativos forneçam os sentidos e os significados do *bullying* atribuídos pelos adolescentes, as conclusões deles resultantes devem ser

considerados como contextuais e provisórias. Por fim, a coleta de dados quantitativos previamente às entrevistas qualitativas pode ter sensibilizado, em alguma medida, os estudantes em relação ao tema em estudo. Pesquisas adicionais podem apoiar os conceitos aqui discutidos, expandir as reflexões sobre a experiência dos estudantes em situações de *bullying* e como o interpretam, investigando as dimensões conceituais presentes em diferentes grupos e amostras, com diferentes desenhos e técnicas metodológicas.

Conclui-se, que a análise das dimensões conceituais é útil para descrever, compreender e intervir no *bullying* escolar na realidade brasileira, especificamente. Além disso, o uso de métodos qualitativos e a abordagem das narrativas de adolescentes sobre o *bullying* são benéficos, pois complementam o conhecimento existente e sinalizam caminhos para a intervenção a partir dos próprios estudantes. Como se observou, trata-se de um problema complexo cujas prioridades de ação devem considerar seus principais protagonistas e o que dizem sobre a questão.

Colaboradores

WA Oliveira coordenou o grupo de trabalho, trabalhou na concepção, análise e interpretação dos dados, e elaborou o texto-base e o final. JL Silva, IF Braga e C Romualdo participaram da sistematização e análise dos dados e revisão crítica do manuscrito. SCS Caravita orientou o desenvolvimento da pesquisa, contribuiu na revisão e aprovação final do manuscrito. MAI Silva orientou a concepção e o desenvolvimento da pesquisa, contribuiu na análise dos dados e revisou e aprovou a versão final do manuscrito.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e à CAPES pelo apoio financeiro a este estudo.

Referências

1. Olweus D. School Bullying: Development and some important challenges. *Annu. Rev. Clin Psychol* 2013; 9:751-780.
2. Schultz NCW, Duque DF, Silva CF, Souza CD, Assini LC, Carneiro MGM. A compreensão sistêmica do bullying. *Psicol. estud.* 2012; 17(2):247-254.
3. Thornberg R, Halldin K, Bolmsjo N, Petersson A. Victimization of school bullying: a grounded theory. *Research Papers in Education* 2013; 28(3):309-329.
4. Malta DC, Porto DL, Crespo CD, Silva MMA, Andrade SSC, Mello FCM, Monteiro R, Silva MA. Bullying in Brazilian school children: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Rev. bras. epidemiol.* 2014; 17(Supl. 1):92-105.
5. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C, Carvalho MGO, Silva MMA, Porto DL. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), 2009. *Cien Saude Colet* 2010; 15(Supl. 2):3065-3076.
6. Silva JL, Oliveira WA, Bazon MR, Cecilio S. Bullying: conhecimentos, atitudes e crenças de professores. *Psico* 2014; 45(2):147-156.
7. Zaine I, Reis MJD, Padovani RC. Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estud. psicol. (Campinas)* 2010; 27(3):375-382.
8. Silva MAI, Silva JL, Pereira BO, Oliveira WA, Medeiros M. The view of teachers on bullying and implications for nursing. *Rev. esc. enferm. USP* 2014; 48(4):723-730.
9. Minayo MCS. Violência e educação: impactos e tendências. *Revista Pedagógica* 2013; 15(31):249-264.
10. Brasil. Ministério da Saúde (MS). *Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência*. Brasília: MS; 2010.
11. Zottis GA, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. *J Pediatr* 2014; 90(4):408-414.
12. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva MAI, Costa MR, Caiaffa WT. Bullying and associated factors among Brazilian adolescents: analysis of the National Adolescent School-based Health Survey (PeNSE 2012). *Rev. bras. epidemiol.* 2014; 17(Supl. 1):131-145.
13. Caravita SCS, Gini G, Pozzoli T. Main and Moderated Effects of Moral Cognition and Status on Bullying and Defending. *Aggressive Behavior*. 2012; 38(6):456-468.
14. Thornberg R, Thornberg UB, Alamaa R, Daud N. Children's conceptions of bullying and repeated conventional transgressions: moral, conventional, structuring and personal-choice reasoning. *Educational Psychology* 2014; 36(1):1-17.
15. Lien L, Welander-Vatn A. Factors Associated with the Persistence of Bullying Victimization From 10th grade to 13th Grade: A Longitudinal Study. *Clin Pract Epidemiol Ment Health* 2013; 9:243-250.
16. Salmivalli C. Participant Roles in Bullying: How Can Peer Bystanders Be Utilized in Interventions? *Theory Into Practice* 2014; 53(4):286-292.
17. Araújo LS, Coutinho MPL, Miranda RS, Saraiva ERA. Universo consensual de adolescentes acerca da violência escolar. *Psico-USF* 2012; 17(2):243-251.
18. Salgado FS, Senra LX, Lourenço LM. Effectiveness indicators of bullying intervention programs: A systematic review of the international literature. *Estud. psicol. (Campinas)* 2014; 31(2):179-190.
19. Mendes CS. Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção. *Rev. esc. enferm. USP* 2011; 45(3):581-588.
20. Bibou-Nakou I, Tsiantis J, Assimopoulos H, Chatzilambou P. Bullying/victimization from a family perspective: a qualitative study of secondary school students' views. *European Journal of Psychology of Education* 2013; 28(1):53-71.
21. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. *J Pediatr* 2013; 89(2):164-170.
22. Cassiani-Miranda CA, Gómez-Alhach J, Cubides-Munévar AM, Hernández-Carrillo M. Prevalencia de bullying y factores relacionados en estudiantes de bachillerato de una institución educativa de Cali, Colombia, 2011. *Revista de Salud Pública* 2014; 16(1):13-24.
23. Wuest J. Grounded theory: the method. In: Munhall PL, editor. *Nursing research: a qualitative perspective*. Sudbury: Jones & Bartlett Learning; 2010. p. 239-271
24. Leite JL, Silva LJ, Oliveira RMP, Stipp MAC. Reflexões sobre o pesquisador nas trilhas da Teoria Fundamentada nos Dados. *Rev. esc. enferm. USP* 2012; 46(3):772-777.
25. Cunha JM, Weber LND, Steiner Neto P. Escala de Vitimização e Agressão entre Pares (EVAP). In: Weber LND, Dessen MA, organizadores. *Pesquisando a família - instrumentos para coleta e análise de dados*. Curitiba: Juruá; 2009. p. 103-114.
26. Weber LND, Salvador APV, Brandenburg OJ. Escalas de Qualidade na Interação Familiar. In: Weber LND, Dessen MA, organizadores. *Pesquisando a família - instrumentos para coleta e análise de dados*. Curitiba: Juruá; 2009. p. 61-72.
27. Brasil. Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília: CNS, 2013.
28. Thornberg R, Tenenbaum L, Varjas K, Meyers J, Jungert T, Vanegas G. Bystander motivation in bullying incidents: to intervene or not to intervene? *Western Journal of Emergency Medicine* 2012; 13(3):247-252.
29. Santos JA, Cabral-Xavier AF, Paiva SM, Leite-Cavalcanti A. Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos. *Revista de Salud Pública* 2014; 16(2):173-183.
30. Esteve CEA, Arruda ALMM. Bullying: quando a brincadeira fica seria, causas e consequências. *Revista Eletrônica Saberes da Educação* 2014; 5(1):1-36.
31. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol. esc. educ* 2012; 16(1):35-44.
32. Oliveira WA, Silva MAI, Mello FCM, Porto DL, Yoshinaga ACM, Malta DC. Causas do bullying: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. *Rev. Latino-Am Enfermagem* 2015; 23(2):1-8.

Artigo apresentado em 10/03/2015

Aprovado em 21/06/2016

Versão final apresentada em 23/06/2016



